

Walter Benjamin e Paul Ricoeur: narração e experiência por vir *Walter Benjamin and Paul Ricoeur: narration and the experience to come*

Sara Hartmann
Universität Tübingen

Resumo: O presente artigo considera as articulações entre narração e experiência, tal como foram elaboradas por Walter Benjamin e Paul Ricoeur no século XX, enquanto elementos fundamentais para a discussão das afinidades entre literatura e política. As elaborações de Benjamin acerca de tais noções colocaram em pauta a inacessibilidade de uma experiência tradicional, ao mesmo tempo em que apontaram para novas formas emergentes no campo da literatura. Dentre os autores que se dedicaram a dar continuidade à tal análise, Paul Ricoeur foi quem investigou exemplarmente as transformações da narrativa enquanto técnica de produção de sentido e identidade, em uma época em que o diagnóstico de Benjamin acerca da experiência individualizada intensificou-se vertiginosamente. Este artigo procura explorar as elaborações de ambos os autores quanto às noções de experiência e de narrativa, buscando produzir um encontro entre as suas perspectivas que seja significativo para a atualidade.

Palavras-chave: experiência; narração; Benjamin; Ricoeur.

Abstract: This article takes into consideration the articulation between narrative and experience, drawn up by Walter Benjamin and Paul Ricoeur in the Twentieth Century, as fundamental to the discussion of the affinities between literature and politics. Benjamin's elaborations on such notions highlighted the inaccessibility of a traditional experience, and at the same time indicated new and emerging forms in the field of literature. Among the authors dedicated to the Benjamin's analysis, Paul Ricoeur investigated the use of narrative as a technique of production of meaning and identity, at a time when Benjamin's diagnosis of the individualized experience intensified dramatically. This article intends to explore the elaborations of both authors on these notions, through the promotion of dialogue between their perspectives.

Keywords: experience; narration; Benjamin; Ricoeur.

*Et qui sait si les fleurs nouvelles qui je rêve
Trouverons dans ce sol lavé comme une grève
Le mystique aliment qui ferait leur vigueur?*
Charles Baudelaire¹

1 Introdução

O ato de narrar, por sua persistente presença em diversas configurações humanas ao longo da história, e enquanto modo de expressão e de construção de sentido, parece ele mesmo carregar, através de palavras, sons e gestos, a inerente vivacidade do mundo. O processo de tecitura de histórias tem como uma de suas mais notáveis características o fato

¹ “E quem sabe se as flores novas com as quais eu sonho / Encontrão neste solo lavado como uma margem / A comida mística que fará o seu vigor?” (BAUDELAIRE, 2006, p.34, tradução da autora).

de integrar ou, ao menos, de colocar lado a lado elementos percebidos como heterogêneos. Não surpreende, portanto, a quantidade de interesse gerado em sua direção, fazendo com que sua teorização provenha, hoje, de diversas áreas de estudo.

Algumas importantes contribuições acerca da narrativa estão situadas no campo da teoria literária. É através de obras ficcionais, nesse caso, que se adentra um vasto campo de entendimento semântico e também cultural ao modo dos estudos filológicos, os quais tradicionalmente se baseiam na historiografia para acessar universos semânticos. É a partir das mesmas premissas, ou seja, da construção e da exploração de um universo ligado ao universo narrativo, que a narração permanece ligada à possibilidade de crítica de modos de vida, ou seja, ao desvelamento de possibilidades insuspeitas nos processos de construção de sentido.

A importância de tais estudos está, atualmente, relacionada a um argumento que já possuía valor para muitos críticos do último século, argumento cuja validade podemos pressentir sem dificuldade. Erich Auerbach (2007) é quem sublinha em um artigo de 1952, intitulado “Filologia da Literatura Mundial”, o momento cultural caracterizado por longo e contínuo processo de uniformização rumo às contemporâneas formas de vida. Nesse contexto, assinala o autor, sobreviveria apenas uma única cultura literária, de modo que a noção de literatura mundial seria simultaneamente realizada e destruída. Ameaçados pelo empobrecimento ligado a uma “formação cultural a-histórica”, é-nos impossível formular uma compreensão do que nos acontece e do que somos, e isso apesar de dispormos de abundantes fontes histórico-culturais provenientes de diversas regiões do mundo. A fim de realizar tal compreensão, ser-nos-ia necessário, de acordo com Auerbach, que ao menos alguns indivíduos dominassem o conjunto ou boa parte da literatura mundial. Para o crítico alemão, a superação dessa dificuldade passaria pela dissolução das identidades culturais que nos definem, em especial a nacionalidade.

Tal processo de uniformização, entretanto, parece não ter alcançado a sua completude, a qual possivelmente nunca será atingida. Por outro lado, as profundas transformações decorrentes da abundante troca de informações parece levar a crer que não se trata de um processo apenas extensivo e sim de uma complexificação de suas premissas em diversos aspectos, levando a crer que atualmente caiba à narrativa mais um papel de superficialização de conteúdos do que de transformação de leitores. Contemporâneo e conterrâneo de Auerbach, Walter Benjamin também é largamente conhecido por ter elaborado uma crítica do estado da cultura e da experiência de seu tempo, com vistas a demonstrar o que chamou de um longo e estrutural processo de empobrecimento.

Um de seus textos mais famosos endereça a figura do narrador enquanto espécimen em vias de desaparecimento e mesmo próxima da extinção, fato largamente relacionado ao citado processo de uniformização. O escritor russo Nikolai Leskov² é proclamado por Benjamin como um narrador exemplar, capaz de trazer ao público, especialmente quando se tratava de um público ouvinte, histórias que envolviam e se desenvolviam a partir deste. O fim da narração tradicional – tematizado pela literatura, pela história e pela filosofia moderna e contemporânea – é percebido por Benjamin como parte do declínio de toda uma modalidade de experiência tradicional, cuja visão de mundo era passível de ser compartilhada. As suas análises tinham como horizonte o que se estava fazendo do futuro à época presente, ou seja, o início do século XX. É em meio às intensas transformações de tal período que o autor sinaliza a emergência da ideologia do progresso, que tem no domínio do passado um importante elemento de sua afirmação.

² Nicolai Leskov, escritor russo, viveu entre 1831 e 1895. Retratou em suas narrativas os costumes de pequenos grupos étnicos da Rússia da época, com os quais travou contato através de diversas viagens pelo país.

Dos autores que no período posterior à Segunda Guerra Mundial procuraram dar seguimento às investigações de Benjamin quanto à crise da arte de narrar, entendida como um dramático declínio de uma habilidade humana fundamental, destacamos a figura do francês Paul Ricoeur. Na abordagem acurada que adota ao explorar as relações entre tempo e narrativa³, Ricoeur procura dar conta das transformações sofridas pela narração – especialmente no âmbito das narrativas históricas e literárias – mostrando de que modo elas podem articular experiências temporais significativas através de um círculo de configuração e reconfiguração que inclui, grosso modo, o mundo, a obra e o leitor/ouvinte.

O presente artigo procura, portanto, investigar as intrincadas relações entre as noções de narrativa e experiência nos trabalhos de Benjamin e Ricoeur, tendo como horizonte a importância de tal articulação no entendimento das zonas de proximidade entre política e literatura. Consideramos que o trabalho de Benjamin formulou, de maneira geral, um diagnóstico da situação da cultura através de textos preocupados com várias expressões e fenômenos sociais, em uma época tão crucial, e tão cheia de ressonâncias em nosso presente quanto a primeira metade do século XX. Se a experiência que Benjamin procura retrair está em franco declínio, assinala-se a emergência de uma outra modalidade, inserida em nova configuração e portanto detentora de outro papel na significação das vivências comuns. Ricoeur, por sua vez, intenta demonstrar como a narrativa em si pode articular experiências através da configuração de uma trama literária, lançando certa luz no que Benjamin, talvez intencionalmente, havia deixado em sombras. Essa luz, como veremos, não tem a mesma substância da escuridão.

2 Walter Benjamin e o declínio da experiência

Às vésperas da Segunda Guerra Mundial, Walter Benjamin guia-nos com lucidez e encantamento por um tempo que deixou marcas significativas em nosso presente; tempo passado que ainda se volta em nossa direção, não sem ação. Uma das noções mais caras e talvez subterrâneas ao seu pensamento é a de experiência, funcionando como ponto de retomada a partir do qual se delinea algo que quer diferir do atual estado de coisas. Esta singular retomada traça, em um gesto duplo, a inacessibilidade de certa condição de existência e o desejo de nela capturar algo que possa ressignificar a configuração presente.

A experiência age em sua obra, portanto, como noção que dá contorno ao pensamento, mesmo sem tornar-se central. Tomamos aqui em especial os ensaios “Experiência e pobreza”, de 1933, e “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”, escrito entre 1928 e 1936. Nesses trabalhos, uma certa modalidade de experiência é apresentada em pleno declínio: trata-se da experiência relacionada à tradição, à possibilidade mesma de a cultura ser compartilhada por uma comunidade humana e, assim, de ser retomada e transformada a cada geração⁴. Em detrimento dessa, Benjamin vê erigir-se um modo de vida calcado na vivência individual, solitária e, de certo modo, voltada sobre si mesma.

Na mudança para a última modalidade, segundo Benjamin, opera-se um empobrecimento marcado pelo declínio do valor de qualquer transmissão, e mesmo um vazio de sentido da narratividade. Em oposição ao entrelaçamento de histórias ao modo de uma fermentação ou tessitura no tempo desapressado da convivência cerceada em ambientes de produção artesanal, por exemplo, temos a momentaneidade de informações da cidade

³ Para os fins deste artigo, privilegiaremos os dois primeiros tomos da obra *Tempo e narrativa* dentro da mais vasta produção de Ricoeur acerca do tema.

⁴ Tema também exemplarmente abordado por Gagnebin em *Lembrar escrever esquecer*.

moderna, em velocidade e quantidade a desafiar a própria percepção, caracterizando o que Benjamin chamou de experiência do choque (*Chokerlebnis*)⁵.

A essa mudança, também diagnosticada por outros autores, Benjamin relaciona diversos fatores: a passagem da Primeira Guerra Mundial e a confrontação com a impossibilidade de narrar as experiências dela decorrentes, as dificuldades econômicas e sociais em diversas regiões da Europa e, especialmente, a evolução das técnicas de produção e reprodutibilidade, a permitir que várias atividades artesanais tivessem seus processos desvinculados de uma experiência única e singular de produção. Todos esses fatores apontavam para uma transformação profunda, percebida no esvaziamento de sentido de diversos saberes práticos outrora insubstituíveis, os quais tiveram seu valor extirpado. Nesse sentido, o autor pergunta em 1933: “Quem tentará, sequer, lidar com a juventude invocando sua experiência?” (BENJAMIN, 1994b, p. 114).

É justamente a modalidade de experiência instaurada nessa nova configuração, experiência ocupada com vivências em termos do indivíduo – seus pensamentos, seus dilemas, suas transformações – que dá origem ao romance. *A teoria do romance*, de Georg Lukács, é aqui uma influência declarada de Benjamin. De acordo com Lukács, trata-se do abandono de um mundo marcado pela unicidade, mundo em que os atos humanos tinham seu conteúdo extraído do destino, bem como seu peso advinha da importância que tais atos assumiam para a felicidade ou infelicidade de uma comunidade. A epopeia é a forma marcante dessa configuração, na qual não existe interioridade, exterioridade ou alteridade. Segundo Lukács, já que a vida é uma totalidade extensiva. Com a quebra dessa totalidade, assim, entra-se no mundo inacabado em que as almas estão sujeitas à perdição. A novela deve justamente depositar na experiência vivida o poder de um acontecimento de dar sentido à vida. Sentido este que lhe era imanente.

Podemos aproximar essa diferenciação daquela efetuada por Benjamin quanto a duas modalidades de experiência, que aparecem através das palavras em língua alemã *Erlebnis* e *Erfahrung*⁶. Na primeira, que remete ao vivido e presenciado, trata-se da vivência característica do novo indivíduo do mundo capitalista moderno, indivíduo segregado “que não pode mais falar exemplarmente sobre suas preocupações mais importantes” (BENJAMIN, 1994c, 201). Nesse modo, a existência tende a se bastar em si mesma, estando voltada, sobretudo, para seus fluxos internos. A segunda configuração, por sua vez, remete a um aprendizado ou experimentação, em que algo de fundamental se tece no encontro, ou seja, através da possibilidade de uma comunicação e construção de sentido coletivamente. Nesse modo há lugar para o mágico e o misterioso, os quais não encontram plena realização na vida individual. O inacabamento característico das narrativas envoltas em apelativo mistério, ademais, é condição da experiência tradicional, que não se encerra em si mesma. Nesse caso, as narrativas podem ser enriquecidas a cada novo ato de narrar, para isso incorporando elementos da comunidade ouvinte.

No modo de experiência tradicional, portanto, há memória e palavra comuns, com espaço para o miraculoso e o extraordinário. A assimilação de histórias se dá em camadas, remetendo a um modo de percepção “em que o tempo não contava” (BENJAMIN, 1994c,

⁵ Esta noção é desenvolvida especialmente em seus ensaios de 1935 e 1939, “Paris, capital do século XIX” e “Sobre alguns temas em Baudelaire” (BENJAMIN, 2001). Neles a experiência moderna aparece como intrinsecamente marcada pelo choque, definido enquanto efeito da impossibilidade de elaboração da abundância de estímulos experimentados no cotidiano, dada a sua multiplicidade e quantidade. Para definir o tipo de proteção psíquica que leva à esterilização de tais vivências para uma possível construção de experiências significativas, Benjamin faz uso de noções elaboradas por Freud.

⁶ O verbo *erleben* refere-se usualmente ao viver e ao vivenciar, enquanto *erfahren* tem o sentido de aprender, saber, sofrer. O conceito de *Erlebnis*, aliás, foi tematizado por Dilthey e pela Hermenêutica Filosófica (Cf. GADAMER, 1999) em relação ao *acontecer da verdade*. As ressonâncias de tal abordagem com a de Benjamin se insinuam através do contexto de surgimento da expressão, relacionado ao romantismo alemão.

206). Trata-se aqui da narratividade enquanto possibilidade de tessitura e transmissão de experiências. Quanto à experiência vivida, nela prevalecem a fragmentação e a comunicação imediata, já que as informações são elaboradas de modo a serem compreensíveis em si mesmas, prescindindo de uma autoridade que lhes outorgue importância. O diagnóstico de Benjamin, assim, é de um enfraquecimento da primeira modalidade em prol da segunda, o que significa uma profunda alteração na operação e função da narratividade.

3 A narrativa literária e a experiência individual

Em sua análise da obra de Leskov, Benjamin retoma, portanto, a experiência tradicional como uma configuração situada em determinado tempo histórico, indicando o declínio, senão a ausência, das condições de possibilidade de sua realização. Para que outro modo viesse a se efetuar, portanto, seria necessária uma árdua reconstrução de novas condições de experiência. Percebe-se assim, em consonância com o que aponta Gagnebin (1994), que o diagnóstico de Benjamin não é nostálgico. Ele sugere, ao contrário, a infiltração de um passado no presente a fim de indicar a matriz histórica dessa nova configuração da experiência, bem como de ver infiltrarem-se nela fragmentos de uma promessa anterior, capazes de ressignificarem o modo atual.

Podemos recolher algumas pistas a respeito desse movimento em direção à reconstrução de condições da experiência em outros textos do autor. Em “Sobre o conceito de História” de 1940, e portanto seu último texto conhecido, Benjamin menciona a possibilidade de salvar o passado no presente por uma semelhança que transforma ambos. Tal operação consistiria em “captar a configuração em que sua própria época entrou em contato com uma época anterior, perfeitamente determinada” (BENJAMIN, 1994d, 232), fundando um conceito de presente permeado pela promessa, pela esperança de transformação que vem justamente do encontro com o passado. O passado é então irreduzível a uma escrita definitiva e ao mesmo continua e total da história. Das tentativas de efetuar tal escrita sempre sobram restos, a partir dos quais se opera uma reconstrução, uma articulação do passado no presente. Desse modo, construímos e articulamos o passado num espaço que não é vazio, e sim saturado de “agoras”. O tempo passado é então vivido na rememoração, que descobre a presença do messiânico, ou seja, do profético e transformador, no que já passou.

Da infiltração entre passado e presente podem surgir, portanto, condições que apontam para outras modalidades de experiência. Nesse sentido, se há um laço entre os declínios da *Erfahrung* e da narratividade, conforme assinala Benjamin, novas formas da arte de contar devem acompanhar novas configurações de experiência. Já no artigo “A imagem de Proust”, de 1929, Benjamin indica que em sua obra Proust teria reintroduzido o infinito na vivência burguesa caracterizada pela individualidade, particularmente pela atividade de rememoração. A isso, Gagnebin chama formas “sintéticas” de experiência” (GAGNEBIN, 1994, p.10).

A partir desse pequeno assinalamento, podemos perguntar se caberia, então, à literatura e à narrativa literária um lugar privilegiado na elaboração da experiência. Ainda que esse exemplo funcione, na obra de Benjamin, apenas como sinal da possibilidade dessa reconstrução, parece-nos interessante que ele pertença ao campo literário. Justamente, Proust toma a vivência característica da *Erlebnis* para ali introduzir uma diferença transformadora. Novamente, mais do que a busca saudosa por uma experiência passada, Benjamin parte da constatação de uma impossibilidade em direção a novas possibilidades de experiência a serem exploradas.

Benjamin, portanto, percebe profundas mudanças nas experiências coletiva e individual relacionadas ao declínio de uma tradição marcada pela continuidade da palavra

transmitida. Os eventos do século XX nos quais o homem é submetido às forças impessoais da técnica e da guerra, para citar alguns dos exemplos mais importantes, participam fundamentalmente do processo de estabelecimento de tal declínio. Ainda assim, tal processo remete a diversos fatores que devem ser circunscritos mais às configurações do que às cronologias. Trata-se, de todo modo, de perceber os pontos de contato que possam revelar as limitações que concorreram para configurar a experiência tal como ela se coloca atualmente.

Cabe portanto perguntar: Pode a narrativa literária, como sugere Benjamin, ser um espaço de reconstrução de experiências significativas no presente? E como se daria essa reconstrução? Paul Ricoeur foi quem se dedicou a investigar o processo de configuração de experiências pela narrativa. Desse modo, deu continuidade às investigações de Benjamin, bem como delineou as mutações e a sobrevivência singular da narratividade nas produções a ele contemporâneas.

4 A transformação da narrativa em Paul Ricoeur

Paul Ricoeur explorou as articulações entre tempo e narrativa décadas após a morte de Walter Benjamin⁷. O autor francês considerava a morte da arte de narrar como um momento crítico que não encontrava um fim em si mesmo, tendo consequências ainda não completamente avaliadas. Seu trabalho se focou nas reconfigurações temporais que se operam através da narrativa, mostrando como ela pode articular experiências de maneira significativa. Desse modo, Ricoeur conectou experiências vividas a construções narrativas, delimitando as possibilidades de conflito e modelagem entre essas duas instâncias. Para tanto, seu trabalho partia da premissa de que narrar é sempre realizar uma construção temporal.

Ricoeur ligou suas reflexões sobre a representação literária às teorias de representação histórica, trabalhando com a seguinte hipótese: entre a narração e o caráter temporal da experiência existe uma correlação de necessidade transcultural. Dito de outra maneira: é através do narrar que o tempo se torna humano. Ricoeur descreve a mediação entre tempo e narrativa em três aspectos de *mimesis*⁸, os quais denominam-se prefiguração, configuração e reconfiguração. Discutiremos tais operações brevemente a fim de situar a ideia de uma temporalidade que se engendra na narrativa.

O primeiro momento da mimese é a prefiguração do campo prático. Como condição para que a operação narrativa da realidade se dê, há uma estrutura pré-narrativa da experiência; um emaranhado de histórias a partir do qual um fio é puxado a fim de formar a trama. Para Ricoeur, é importante dizer, a trama ou enredo é tradicionalmente o que dá consonância ao dissonante, fornecendo assim um forma inteligível do mundo através da expressão literária⁹. Portanto, se alguma ação pode ser narrada, ela já está articulada em

⁷ Benjamin e Ricoeur vivenciaram as duas grandes guerras do século XX. Enquanto Benjamin esteve em exílio na Segunda Guerra Mundial, perseguido por sua origem judaica, Ricoeur foi prisioneiro por cinco anos. Apesar desse ponto de “encontro”, os trabalhos que tomamos aqui podem ser considerados de épocas bastante distintas; aqueles de Benjamin foram escritos nos anos trinta, enquanto *Tempo e narrativa* é uma obra relativamente tardia de Ricoeur, publicada na década de oitenta.

⁸ A origem do termo *mimesis* remete à definição Aristotélica de imitação da realidade, envolvendo, para tanto, transfiguração e recriação. O termo, mais recentemente, vem sendo usado para descrever a operação de representação estética nas artes em geral. Auerbach, por sua vez, vê na mimese a principal técnica de criação literária, sendo também a operação através da qual questões políticas, sociais e ideológicas adentram o campo literário. Cf. AUERBACH, 2001.

⁹ A insistência de Ricoeur no aspecto consoante da narrativa está também relacionada à sua crença máxima em uma demanda de concordância que estrutura as expectativas do leitor quanto à obra literária. Ou seja, o uso de técnicas narrativas que produzem dissonância deveria ser acompanhado por uma complexificação da técnica, a

signos e já está engendrada no tempo. A literatura, desse modo, configura o que já está prefigurado na ação humana. Essa prefiguração ou mediação simbólica do mundo, portanto, é a *mimesis* I, condição de formação da narrativa.

A *mimesis* II abriga a configuração. Desde as pré-histórias entrelaçadas, é a seleção de uma linha com fins de constituição da narrativa. Sendo o espaço de operação da fórmula “como se”, a segunda *mimesis* é a extração de uma síntese da sucessão heterogênea de eventos. Conforme Ricoeur, é também o ponto crucial de mediação entre tempo e narrativa, conectando ações individuais à História mais geral. O autor destaca dois elementos da configuração: esquematização e tradicionalismo. O primeiro é responsável pela inteligibilidade da narrativa, resultado de processos de organização e ordenação de elementos, ainda que esses não se deem sob uma única regra. O segundo elemento, por sua vez, garante o caráter de transmissibilidade do que é engendrado, podendo incorporar, ao longo do tempo, inovações e novas sedimentações.

Finalmente, todos os elementos da configuração estão conectados ao terceiro momento, aquele endereçado e essencialmente implicado no círculo da mimese: a leitura ou audição. Afinal, seguir uma trama – em que está em jogo sua inteligibilidade e transmissibilidade – é atualizar a intriga junto ao leitor/ouvinte. É assim que se dá a intersecção entre seu mundo e aquele do texto. Aqui Ricoeur enfatiza sua visão de que a linguagem, capaz de transmitir uma experiência, não é um mundo em si mesma. Desse modo, o que um leitor/ouvinte recebe através de um trabalho literário não é apenas o seu sentido, mas, através desse sentido, a experiência que tal trabalho pôde trazer à linguagem. A leitura seria, outrossim, um “vetor da aptidão da intriga de modelar a experiência” (RICOEUR, 1994a, p.117).

Ricoeur desenvolve essa noção de experiência através do argumento de que o evento da linguagem não se esgota na operação em que um determinado sujeito toma a palavra e se dirige a um interlocutor, mas “também que ambicione levar à linguagem e partilhar com outro uma nova *experiência*” (RICOEUR, 1994a, p.119, destaque no original). O foco de Ricoeur é em um entendimento sobre a referência da linguagem, levando-o a afirmar uma noção de experiência que é projetada pela narração. Sua intenção, portanto, é menos a de precisar o alcance e a importância de tal noção do que de defender a importância de a literatura ter o mundo como horizonte. Em um âmbito maior, trata-se de enfrentar o problema das relações entre a literatura e o mundo do leitor, ou, ainda, do impacto da literatura na experiência cotidiana. Este problema pode ser intencionalmente recusado no campo dos estudos literários, como aponta o próprio Ricoeur, mas isso incorreria no seu fechamento, rompendo com o poder subversivo da literatura em relação à ordem moral e social. Afinal, “esquecendo-se que a ficção é precisamente o que transforma a linguagem nesse perigo supremo de que Walter Benjamin, depois de Hölderlin, fala com medo e admiração” (RICOEUR, 1994a, p.121).

5 Declínio e metamorfose

A fim de lançar luz ao problema que delineamos acima – a saber, o que significa o declínio da arte de narrar ligada às transformações do século XX quanto à possibilidade de experiência – buscaremos aproximar as definições de tal noção presentes nos trabalhos de Benjamin e Ricoeur. Tal transposição não está imune de perdas, já que tais noções não coincidem nas visões dos dois autores. Mas existe, em ambos, o que podemos sublinhar como uma abordagem privilegiada de narrativas literárias quanto ao tema. Para Benjamin, como um

partir da qual o leitor poderá construir uma consonância. É através dessa complexidade, como veremos adiante no texto, que Ricoeur entrevê a sobrevivência da narrativa.

possível espaço de desconstrução da experiência burguesa individual e capitalista, tal como ele a percebe e critica. Para Ricoeur, enquanto possibilidade de alargar a inteligibilidade do mundo através do círculo da mimese.

É possível, assim, que Ricoeur e Benjamin compartilhem, guardadas as suas proporções, a seguinte crença: de que obras literárias são capazes de transformar e enriquecer a experiência, já que enunciadoras de modos de vida capazes de desafiar modos existentes, ou seja, a configuração anterior à sua recepção. Enquanto Benjamin adota uma perspectiva mais histórica, incidindo assim sobre nossas relações com a rememoração e as transformações do século XX, Ricoeur procura dar uma resposta no sentido da técnica literária. Para este, as narrativas ficcionais aumentam nossa percepção da realidade, especialmente no que concerne à dimensão temporal.

Para tanto a noção de narrativa, para Ricoeur, não está limitada aos meios de constituição de uma trama literária. O autor francês efetivamente situa a narração em relação aos processos de identificação pessoal, abrangendo um escopo variado de experiências, ainda que em *Tempo e narrativa* o campo literário seja privilegiado na sua análise. Para ele, a narração é uma atividade fundamental, implicada e necessária ao viver. Sabemos que esta noção, para Benjamin, está conectada às práticas de troca e compartilhamento entre pessoas e grupos, e não estritamente a um campo de produção artística em específico. Desse modo, parece-nos possível chamar a atenção para a análise que empreende Ricoeur quanto às metamorfoses da intriga em relação à visão Benjaminiana de narrativa.

A questão formulada pelo autor francês é colocada nos seguintes termos, em visível invocação a Benjamin: estamos vivendo o fim da arte de narrar? Para dar conta de tal questão, Ricoeur considera que a evolução das técnicas literárias coloca um desafio à noção de *ordem* como básica para a formação do enredo¹⁰. Já que a trama é correlata da sua própria inteligibilidade, isso testaria a habilidade do enredo em se metamorfosear, bem como a capacidade de a narrativa sobreviver sob diferentes paradigmas de composição.

A fim de analisar a questão de um possível fim da arte de narrar, Ricoeur busca, em uma espécie de inversão, considerar a questão através dos problemas colocados pela arte de finalizar uma narrativa literária. A metamorfose do enredo apontaria para uma substituição da problemática do fim da narrativa, nos termos explicitados acima, por uma situação caracteriza pela crise do fim. É o que diz Ricoeur através da frase: “de iminente, o fim tornou-se imanente” (RICOEUR, 1994b, p.39). O autor toma como evidência a tendência, em certos romances contemporâneos, de requerer ao leitor a operação de um final¹¹. Para que isso possa ocorrer, afirma Ricoeur, tais trabalhos precisam introduzir convenções mais complexas e sutis na narrativa, criando condições para que o leitor opere o fim.

O trabalho de composição, assim, passa a fazer parte do trabalho de leitura, de modo que tal crise implica em que as técnicas narrativas se complexifiquem. De uma maneira geral, essa é a resposta de Ricoeur à pergunta colocada acima: não se trata de um fim da arte de narrar, mas do aprofundamento das transformações que levaram à crise da narrativa, tornando o seu declínio uma situação crônica, povoada pela mutação e complexificação das técnicas narrativas ao longo do tempo. A certo ponto, Ricoeur relaciona a essas novas técnicas um empobrecimento geral das narrativas, que assim perderiam sua capacidade de atingir e transformar o leitor. Parece estarmos diante da mesma aparente nostalgia que a leitura de Benjamin provoca. No entanto, o diagnóstico de Ricoeur é de uma crise do fim da arte de narrar, uma crise que se torna crônica e, assim, faz do próprio fim algo que não termina em si

¹⁰ Trata-se aqui das metamorfoses que Ricoeur percebe em algumas narrativas contemporâneas, as quais se abstêm de oferecer ao leitor uma trama inteligível. A esse leitor, assim, caberá operar parte do trabalho de configuração da narrativa.

¹¹ Ricoeur considera, para tanto, narrativas literárias produzidas a partir dos anos sessenta, bem como trabalhos críticos acerca do tema, especialmente aqueles de Barbara Smith e Frank Kermode. Cf. RICOEUR, 1994b.

mesmo. De todo modo, a ideia de um declínio da narratividade tradicional segue congruente nas duas perspectivas.

A importância da intriga ou trama para Ricoeur, ainda, reside no fato de essa operação de configuração “salvar” histórias da insignificância. A fixação em um enredo seria capaz de alçar a vida interior a um campo de inteligibilidade e significância, elemento importante nas considerações de Benjamin quanto às limitações da experiência vivida ou *Erlebnis*. Tal operação que intenta dar significância à vida interior testa os limites do romance na situação de fluxo de consciência, quando a trama é colocada a serviço do personagem, de modo que cabe ao enredo assegurar a compreensão. Já no momento da leitura, em que se dá a reconfiguração narrativa, as identidades em cena no trabalho literário tornam-se possíveis conexões entre o autor e o leitor. Isto é, a descoberta da potencialidade do que “poderia ter acontecido” através das “irreais” possibilidades ficcionais. Tais possibilidades são constituídas pelo que a ficção coloca sob os nossos olhos, em consonância com Benjamin: a possibilidade de uma redenção do passado que venha transformar o presente e, conseqüentemente, liberar inúmeros “agoras”.

Desse modo, podemos dizer que Ricoeur conecta as configurações temporais da narrativa com a possibilidade de novas experiências do tempo. Ao traçar essa linha, o autor intenta esclarecer que é na recepção, e apenas nela, que o texto efetivamente se torna obra. A hipótese de uma modulação da experiência através de narrativas literárias é baseada na prerrogativa da possível construção de experiências através da literatura. Segundo Ricoeur, essa experiência do tempo não é pessoal, e sim “sugerida ao leitor pela repercussão (...) de uma experiência solitária em outra experiência solitária” (RICOEUR, 1994b, p.195-196), constituindo, assim, uma ressonância que, exatamente a partir da experiência individual – possivelmente a única que nos é possível atualmente – intenta ultrapassar o nível individual. Ainda assim, não deve haver uma resolução final entre as formas narrativas e as experiências, de modo que a narrativa literária possa se constituir enquanto “laboratório” de suas configurações.

6 Benjamin e Ricoeur: à espreita de nova experiência

Tanto Walter Benjamin quanto Paul Ricoeur perceberam uma importante mudança relacionada às condições sociais a partir das quais a narrativa transformou-se no século XX. Para o autor alemão, o declínio de modos de vida tradicionais, baseados no compartilhamento de vivências e valores, bem como o choque relacionado às duas grandes guerras e, sobretudo, à vida urbana moderna, contribuíram para uma situação de empobrecimento da experiência, estreitamente relacionada, ainda, à impossibilidade de a atividade narrativa efetuar um compartilhamento genuíno e efetivo entre indivíduos. Para Ricoeur, algumas décadas mais tarde, a necessidade de criar um entendimento do mundo através da narrativa vinha de longa data sofrendo um processo de transformação que desafiava sua capacidade de reunir elementos heterogêneos sob um mesmo registro. Ainda de acordo com Ricoeur, o que se chamou de “abertura” em relação às convenções tradicionais da narrativa não significou maior relevância e sentido na sua construção.

Apesar desses pontos de aproximação, e de o filósofo francês ter declaradamente assumido as análises Benjaminianas como ponto de partida, Ricoeur guiou a sua investigação por uma direção muito diferente do que fizera Benjamin. A sua prática fundamentalmente hermenêutica aparece desde a escolha de materiais para análise até à sistematização que pôde fazer das técnicas narrativas em questão. Benjamin, por sua vez, estivera mais preocupado com as formações culturais relacionadas às mudanças materiais do século XX. Para tanto,

cruza diversos campos de conhecimento pertinentes ao seu problema, acurados em relação à época de vertiginosas transformações em que viveu, sem privilegiar uma forma de produção.

Assim, o encontro aqui produzido entre Benjamin e Ricoeur, encontro de caráter absolutamente limitado e inicial, foi permeado por uma sensação de familiaridade que logo se viu atravessada pelo afastamento das direções de investigação, sem que se perdessem de vista as suas correspondências. Ambos exploraram um declínio da experiência tradicional que levou à criação de novas formas narrativas, as quais assinalam para a possibilidade de abordar e criticar esse *interior* da vida individual que se tornou o espaço privilegiado da experiência moderna. Entretanto, se as elaborações de um emprestam luz às análises do outro, trata-se de luminosidades bastante distintas, a promoverem imagens do encontro que impedem um reconhecimento imediato.

De todo modo, a experiência e as condições da experiência, tal como as compreendem Benjamin e Ricoeur, encontram na narrativa um espaço privilegiado de elaboração e configuração. Se consideramos especialmente as narrativas literárias, é onde se pode dar o questionamento de modos de vida estabelecidos. Já que narrar é reunir diferentes elementos – seja quais foram os princípios que regulem tal reunião –, é também uma atividade que apaga, reescreve e reconstrói. Trata-se de viver à espreita da singular experiência que, atualmente, parece se reconstruir silenciosa e provisoriamente, na contramão da dispersa abundância de vivências oferecidas pelo cotidiano da vida moderna.

Referências Bibliográficas

AUERBACH, E. *Ensaio de literatura ocidental: filologia e crítica*. São Paulo: Duas Cidades, 2007.

AUERBACH, E. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

BAUDELAIRE, C. *Les fleurs du mal*. Paris: Pocket, 2006.

BENJAMIN, W. A imagem de Proust. In: *Obras escolhidas. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Ed. Brasiliense S.A., 1994a. p.36-49.

BENJAMIN, W. Experiência e pobreza. In: *Obras escolhidas. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Ed. Brasiliense S.A., 1994b. p.114-119.

BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Obras escolhidas. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Ed. Brasiliense S.A., 1994c. p.197-221.

BENJAMIN, W. Sobre o conceito de História. In: *Obras escolhidas. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Ed. Brasiliense S.A., 1994d. p.222-234.

BENJAMIN, W. *Œuvres*: tome III. Paris: Éditions Gallimard, 2000.

GADAMER, H.-G. *Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

GAGNEBIN, J. M. Prefácio. In: BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Editora Brasiliense S.A., 1994.

GAGNEBIN, J. M. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006.

GAGNEBIN, J. M. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

LUKACS, G. *The theory of the novel*. Massachusetts: The MIT Press, 1971.

RICOEUR, P. *Tempo e narrativa: tomo 1*. Campinas, SP: Papirus, 1994a.

RICOEUR, P. *Tempo e narrativa: tomo 2*. Campinas, SP: Papirus, 1994b.